

O ACOLHIMENTO DA DISCORDÂNCIA¹

Mario Sergio Cortella

Para lidar com a mudança, você precisa, sobretudo, prestar atenção nas pessoas. Paulo Freire, o brasileiro que mais acumulou títulos de doutor *honoris causa* na história do nosso país, também era um mestre nisso. Quando alguém vinha falar com ele, um homem mundialmente famoso, Paulo não só parava para escutar como dava toda a atenção do mundo. Não raro, colocava a mão no ombro do interlocutor para criar uma condição de igualdade, um vínculo, uma conexão física para materializar o que Aristóteles chamou de amizade: dois corpos numa única alma.

Quando conversava, Paulo Freire não mantinha com seu interlocutor uma fala diplomática ou cordial. Ele cultivava uma disposição legítima de aprender com o outro. Era um homem da ética, e não da pequena ética, da mera etiqueta (sim, etiqueta é a pequena ética, assim como camisetas são pequenas camisas)

Prestar atenção no outro de maneira sincera, eis um aprendizado que devemos procurar desenvolver nas nossas relações. Como estamos acomodados com o que somos, o outro é que nos ensina e nos liberta das nossas amarras e âncoras. Mas, para avançarmos, é preciso ser capaz de acolher aquele que não concorda comigo.

A concordância faz com que permaneçamos estacionados. A discordância faz com que crescamos. A palavra concordância vem de *cor*, coração, e significa unir os corações. Discordar, por sua vez, é promover a separação dos corações, algo que possibilita o desenvolvimento pessoal. Assim, para estimular o crescimento do outro e de si mesmo, Paulo Freire primeiro acolhia seu interlocutor, colocava a mão em seu ombro, estabelecia uma ligação. Depois, quando fosse o caso, discordava, sempre aberto a acolher em si a discordância do outro e, portanto, a aprender.

Desse modo, ao prestar atenção naquilo que não era o óbvio nele mesmo, ele conseguia avançar. Seguindo esse princípio, nos seus 76 anos de vida, Paulo Freire nunca parou de crescer.

Acolher a discordância foi justamente uma das mais importantes lições que recebi de meu pai, grande torcedor do time do São Paulo. Pais geralmente gostam que os filhos torçam para o mesmo time. Mas eu me bandeiei para o Santos, um time que não é óbvio nem em seu emblema (conhecido como peixe, seu símbolo é uma baleia - baleias são mamíferos, não peixes). Curiosamente, nenhum dos meus filhos é santista. Todos torcem para o São Paulo. Da mesma

¹ CORTELLA, Mario Sergio. **O que a vida me ensinou**. São Paulo: Saraiva: Versar., 2009. Pág. 29-34

maneira que jamais interferi na preferência futebolística dos meus filhos, meu pai não só jamais questionou a minha escolha como a aprovava e a apoiava. Para demonstrar com clareza que acolhia a nossa discordância, ele me levava ao estádio quando o São Paulo jogava contra o Santos. E era capaz de aplaudir o Santos! Respeitar o time de futebol alheio é uma maneira soberba de ensinar a respeitar e a acolher as ideias, as posições, as perspectivas do outro.

E olha que, para o brasileiro, futebol é mais sagrado do que religião - você pode até conhecer um ex-católico, mas jamais vai encontrar um ex-corinthiano, ex-gremista ou ex-flamenguista. Futebol é paixão e a paixão é a suspensão temporária do juízo e da razão, é uma expressão da irracionalidade. Meu pai acatava a minha escolha pelo Santos porque sabia que o futebol, assim como a religião e a preferência musical, pertence ao território da paixão, do irracional, do gosto que não se discute – apesar de a irracionalidade, não raro, descambar para o fanatismo, que é uma suspensão violenta do juízo e da razão. Meu pai dizia: "Torça, grite, lamente e comemore, mas não transforme o seu time no único time possível. Se você achar justo brigar pelo seu time até o fim, entenda que o torcedor de outro time também pode fazer o mesmo". Assim, ele me ensinava a cultivar a tolerância mesmo num ambiente de rivalidade.

Os estádios estão cada vez mais violentos, mas isso não quer dizer que a tolerância não seja possível em grandes arenas. Veja o exemplo do Boi Bumbá no Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas. Durante três horas, desfilam os Caprichosos, de azul, e depois o Garantido, de vermelho. Na hora do desfile de um, a torcida do outro não pode vaiar, gritar, dar um pio. Se algum torcedor gritar, seu time perde pontos. A regra ali é deixar o espetáculo acontecer. Por mais que haja rivalidade no ar, não pode haver conflito. O respeito pelo outro é tão grande que os juizes não usam caneta com tinta azul ou vermelha, as cores dos dois times. Para dar suas notas, usam tinta verde.

A paixão pode ser irracional, mas a manifestação dela não.

Loucos por futebol! O perigo está no "loucos", pois há o perigo de a paixão se tornar fanatismo, do conflito se transformar em confronto. A divergência é admissível, até desejável, mas ela nunca pode conduzir à anulação do outro, daquele que pensa diferente de você. Por que muita gente perdeu o gosto de ir a estádios de futebol? Porque, ali, o conflito cedeu lugar ao confronto. A torcida organizada passou a ser uma espécie de exército empenhado em anular os adversários.

Aqui é preciso lembrar que um adversário fraco te enfraquece, um concorrente burro te emburrece. E que um adversário forte fortalece. Lembra-se da final da Copa das Confederações, em junho de 2009, quando o Brasil terminou o primeiro tempo perdendo de dois a zero e terminou o jogo

ganhando por três a dois dos Estados Unidos? O Brasil reagiu porque encontrou um adversário poderoso que o estimulou, um oponente que ele desprezava a princípio, mas que aprendeu a respeitar.

Se você não respeita um adversário poderoso, corre o risco de cometer a mesma tolice do general Sedgwick, algo que registrei em meu livro *Qual é a tua Obra? (Vozes)*. Sedgwick lutou na guerra civil norte-americana. No dia 9 de maio de 1864, durante a batalha de Spotsylvania, o general, ao ver as tropas inimigas parando lá longe, não se preocupou sequer em se proteger. Ainda debochou, proferindo uma das frases mais fatídicas de todos os tempos: "Imagina se vou perder meu tempo. Dessa distância, eles não acertariam nem em um elef...". E caiu morto com sua frase incompleta, fulminado por um tiro certeiro na cabeça disparado ao longe por um inimigo poderoso que foi negligenciado.

A anulação do outro é o ápice do confronto e o confronto deve ser evitado a todo custo. Isso vale para o terreno das ideias, da convivência, para o casamento. Aliás, para o campo dos relacionamentos, o grande pensador Rubem Alves criou uma imagem excelente. Para ele, os relacionamentos devem ser como um jogo de frescobol, e não como uma partida de tênis. Eis aí uma boa lição. No tênis, você usa toda a sua competência para que o outro receba a bola do pior modo possível. Você procura sacar de um jeito que ele não veja nem a cor da bola. Toda vez que o oponente erra, você se congratula. No frescobol, por sua vez, você capricha para que o outro receba a bola do melhor modo que consegue. Quando manda uma bola atravessada, você pede desculpas e procura não repetir mais isso, pois quer sempre repassar a bola ao outro com perfeição. Esse é o sonho, a meta a ser alcançada, embora muitas vezes a vida se pareça mesmo com uma partida de tênis.

O esporte traz muitos aprendizados para não sucumbir à paixão, àquilo que suspende o juízo e a razão.